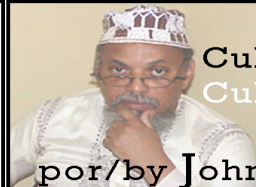


INTRODUÇÃO: Por necessidade histórica de comunicação, há séculos, os africanos são políglotas. No passado foram forçados a falar as línguas dos invasores europeus e árabes. Hoje, essas línguas passaram a ser também, as dos africanos – do norte, centro e sul do continente - do Cairo a *Cape Town*. Semelhante, o processo africano de imposição linguística nas guerras intra-étnicas, mas em menor escala. Pois, a história é escrita na língua dos vencedores e por eles. Por isso, o drama em Moçambique é cultural e depois político. Num contexto nacional, depende-se do português, suáli ou inglês para comunicação. No entanto, isso não é óbice para não se aprender onde se estiver, a língua local baNto. Já o holandês Desiderius Erasmus de Roterdão (Roterodamus) do século XV-XVI preconizava que se ficava mais rico sabendo pelo menos três idiomas. Acrescentamos, que conhecer a língua e a cultura do



Cultura e Sociedade
Culture and Society

por/by Johnny Kraveirinya

Ensaio a propósito dos 38 anos da Independência: 25 Junho 1975-2013

Maioria da população em Moçambique não é de língua e cultura portuguesas

Moçambique: BANTOFONIA ou LUSOFONIA? - Eis a QUESTÃO!

«A Língua é o mais Límpido Espelho da Alma dum Povo» (Armando Ribeiro, C.M. 1965)

NUMA POPULAÇÃO DE MOÇAMBIQUE, grosso modo, à volta de 22 milhões de pessoas, somente 6 milhões | 27,7% | entenderá a língua portuguesa sofrivelmente, sobretudo nos centros urbanos e periurbanos. No interior do País o cenário ainda que desolador, no entanto, seria graças à independência de 1975, que o ensino da língua portuguesa aumentaria de forma espantosa, inclusive, influenciando os países vizinhos.

No período colonial em Moçambique até 1964, início da luta armada pela independência encetada pela Frelimo, era calculada uma taxa de analfabetismo em cerca de 97% de uma população total de 10 milhões somente 3% estava alfabetizada. Isto é, cerca de 300 mil habitantes alfabetizados, na sua esmagadora maioria colonos portugueses da Europa ou seus descendentes nascidos em África, e um número restrito de ‘assimilados’ baNto e mestiços cristãos e muçulmanos. De 1975 a 2013 esse hiato diminuiu de 3% para 27,7%, fruto dos esforços da pós-independência de Moçambique – de 300 mil para 6 milhões.

Em 38 anos a alfabetização em Moçambique regista um impulso nunca valorizado devidamente pelos políticos como uma das grandes conquistas culturais da independência. Sem valorização da Cultura como a essência de viver, não haverá políticas sustentáveis com dignidade. O Prémio Nobel de Literatura de 1948, o anglo-americano T.S. Eliot definiu Cultura como ‘*a way of life.*’ Ainda que tudo na vida seja Cultura,

acrescentamos, existirá muita incultura em relação à cultura no reconhecimento desta como motor social, económico e político. Desde o nascer, crescer e morrer tudo é cultural. Dinamização de aspectos económicos podem ser factores culturais de desenvolvimento, porque “a cultura teria o factor económico como um elo de ligação social,” segundo o antropólogo social neo-zelandês, Raymond William Firth.

No caso moçambicano, o maior dilema em nossa opinião é cultural, devido às enormes assimetrias socioeconómicas. Acreditamos que para tal contribuam falhas no processo educacional de emancipação mental. Aliás, nesse contexto não exclusivo de Moçambique, e antigo, o pensador nigeriano Nnamdi Azikiwe, já em 1937 na sua obra *Renasant Africa*, diria no capítulo *Towards Mental Emancipation* (pp.134) que “a educação do africano no passado e no presente preparava-o para a vida numa ordem social que o estagnava e o fazia retroceder” – inferimos que a nível de pensar os problemas, pois, segundo ainda Azikiwe: “Essa educação fazia os africanos cultivarem falsos valores baseados na cultura de uma civilização decadente” (...) “Ela promovia os incompetentes e menos aptos facilitando as pretensões de liderança de um “ti Tomás” (tradução livre). “ti Tomás” em alusão à personagem escrava do romance *Uncle Tom’s Cabin* (H. Stowe, 1851), caracterizada pela mentalidade servil em relação ao senhor.

Uncle Tom’s Cabin / A Cabana do Pai Tomás versão portuguesa desse romance de Harriet Beecher Stowe.

O ‘sonho’ em 1968 do primeiro presidente da Frelimo, o antropólogo e Professor Eduardo Chivambo Mondlane, era que o êmacuá padrão de Nampula (Corrane) fosse a primeira língua nacional de Moçambique, depois línguas oficiais o português e o inglês. As outras línguas baNto moçambicanas seriam regionais e dinamizadas nos locais de origem. Uma questão de identidade e de sobrevivência cultural: era urgente pensar primeiro em “africanês.”

Contradições actuais entre conceitos de identidades baNtófona e lusófona poderão surgir. Receios de assimilação a falsos valores culturais, à semelhança do período colonial. Em Moçambique, todos os baNto “deveriam ser

bons portugueses” e para tal, servis ao senhor europeu. Igualdade desigual. Na altura, a guerra pela independência forçaria as autoridades portuguesas a políticas de cosmética, num pretense ‘multirracialismo.’ Contra esse *mains-*

tream oficial, o poeta José Craveirinha escreve em 1966 num exercício de metalinguística: «Não sou luso-ultramari- no: SOU MOÇAMBICANO» – expressão cultural pró- baNto em língua portuguesa.

Por outro lado, a Lusofonia pode e deve ser reformulada como mais-valia e não como problema identitário ou de hegemonias pós-coloniais de todos os lados.

A presença de séculos da administração portuguesa anterior, não foi capaz de massificar o ensino público e o idioma português, por razões políticas visando manter nos limites do essencial, o nível intelectual do nativo. Isto é – restringir o desenvolvimento linguístico em português e muito menos do ensino dos idiomas maternos baNto dos mesmos moçambicanos. Em 38 anos – 1975 a 2013, há mais moçambicanos a entenderem a língua portuguesa do que em quase 477 anos de contacto português com Moçambique (1498-1975).

No entanto, contra a corrente, o Professor Catedrático Adriano Moreira na década de 1960 como ministro português, ainda que inserido no regime colonial de Lisboa, lançaria as bases do ensino público universitário em Moçambique. Em 1973, os primeiros e escassos estudantes baNto moçambicanos, formar-se-iam na então Universidade de Lourenço Marques, hoje Universidade Eduardo Mondlane de Maputo – U.E.M. (Lê-se Mond-lhane). Décadas muito antes o General Joaquim Machado, engenheiro-militar e governador-geral de Moçambique, no seu discurso de despedida do cargo, em 1914, enfatizaria a necessidade de uma instituição de ensino superior nesse território colonial português, por que “um dia Moçambique seria uma nação independente.”

A esmagadora maioria em Moçambique não é de Língua e Cultura Portuguesas. Só a língua êmacuá de grupo baNto ancestral, abrangerá 45,4% da população moçambicana. Será o idioma mais falado em Moçambique, contabilizando aproximadamente 10 milhões de falantes com os 9 dialectos em todas as províncias do norte – do rio Rovuma ao rio Zambeze. Existem desde finais do século XIX, bolsas migratórias do grupo moçambicano falante do idioma êmacuá, na Sofala sena e na cidade-capital Maputo, originariamente ronga. No vizinho Madagáscar, em Mahajanga, a maioria da população local descende do grupo baNto macua. Numa das periferias da velha Pangim (Goa) existem goeses descendentes de escravos africanos levados pelos portugueses quinhentistas. Nas canções tradicionais em concanim misturam com uma forma de êmacuá arcaico. No processo linguístico de assimilação portuguesa na capital colonial, Lourenço Marques em kaMpfumo – predomina-

vam os baNto suburbanos com esse estatuto em relação aos do interior.

Essa situação fomentava a discriminação inter-étnica entre os baNto. Dividir para reinar é uma prática do tempo da antiga Roma transposta para situações coloniais. Noutro âmbito, a mestiçagem afro-euro-asiática predominante tinha como suporte genético os baNto. Grosso modo, a inter-mestiçagem euro-africana e asiática, acontecia mais nas vilas e cidades, de maior ocupação de colonos europeus e orientais de Goa, da China (Cantão) e da Índia unificada (anterior à separação em Paquistão e Bangladesh). A língua franca entre as comunidades não baNto era a portuguesa. Nas fronteiras terrestres o inglês, e no extremo norte, o suaíli. Moçambique tem 786.763 km² com uma população em excesso concentrada em cidades e vilas. O censo oficial (colonial) de 1970 estimava em 8.333.834 habitantes. Para este trabalho arredondamos para 10 milhões. Actualmente em Moçambique estima-se em 500 mil os imigrantes (expatriados) de todos os cinco continentes. As perspectivas de desenvolvimento económico no país têm atraído muita emigração externa ao continente africano embora pare de novo o espectro de uma guerra fratricida.

CONCLUSÃO | A actualidade em Moçambique de falantes exclusivos de português como língua materna rondará outros tantos 500 mil, dos quais aproximadamente 40 mil são imigrantes portugueses. 10 Mil seriam moçambicanos lusodescendentes e os restantes 450 mil de heranças culturais híbridas, baNto, europeias, indianas e brasileiras, na comunicação, sobretudo nas vilas e cidades. Num contexto geral somente 2,5% terão a língua portuguesa como materna num cenário de cerca de 22 milhões de habitantes. Resumindo: - Num cômputo geral, MOÇAMBIQUE, NÃO É, NEM NUNCA FOI UM PAÍS LUSÓFONO! Grosso modo, o mesmo se aplicará a Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Ser lusófono implica mais do que aspectos geopolíticos de um colonialismo comum do passado, neste caso, de um colonialismo português impondo sua língua e cultura para os então povos dominados em África, Ásia e Oceânia sem esquecermos o Brasil americano. A base de uma lusofonia será a cultura portuguesa tendo como suporte a língua portuguesa? É no fundo, uma questão de herança cultural. Por outro lado, uma resposta implica sempre outra pergunta! Aí subsistirá a questão final a equacionar: - Pois, se ‘A LÍNGUA É O MAIS LÍMPIDO ESPELHO DA ALMA DUM POVO’ – citado em epígrafe, QUAL SERÁ A ALMA DA LUSOFONIA de uma CPLP, com várias línguas e culturas não lusófonas? [**Kraveirinya Mpfumo**© 25.06.13]



O Autarca
Primeiro jornal electrónico editado na cidade da Beira

Propriedade: AGENCIL – Agência de Comunicação e Imagem Limitada
Sede: Rua do Aeroporto – Desvio 2141 – Casa 711 – Beira
E-mail: oautarca@teledata.mz; oautarcabeira@yahoo.com.br
Editor: Chabane Falume – Cell: 82 5984510; 84 2647589 – E-mail: chabanefalume08@gmail.com

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: oautarcabeira@yahoo.com.br ou em mão
SIM, desejo assinar O Autarca por E-mail (), ou entrega por estafeta no endereço desejado ()

Entidade.....
Morada..... Tel..... Fax..... E-mail.....
Individual () Institucional ()// 2013
Assinaturas mensais MZM – Ordinária: 7.200,00 * Institucional: 14.700,00